

A Mulher Contemporânea e o Encontro com Envelhecimento

Caroline Viñas Rodrigues¹

Cristina Aragonez²

Resumo

A mulher contemporânea de classe média nessa última década vem se transformando histórica e culturalmente. Com os avanços das lutas feministas, as funções e os papéis sociais estão colocando o público feminino num outro lugar: o de mulher produtiva e consumidora. Nesse novo contexto, há ainda atravessamentos como as mudanças biopsicossociais enfrentadas pela mulher de meia idade, tendo como marco principal a menopausa. E é nesse primeiro contato com o processo de envelhecimento e seu impacto psíquico, que se põe em prova a subjetividade feminina, e se busca entender até onde há a real liberdade de escolha e qual o lugar do desejo. Este estudo exploratório, por meio de uma revisão bibliográfica, através de aportes teóricos de psicanálise, psicologia social, psicologia de desenvolvimento e psicologia sistêmica, busca investigar quem é a mulher contemporânea de meia idade de classe média, qual sua identidade e as possíveis escolhas a partir de sua liberdade conquistada pelas lutas feministas. Nesses novos papéis desempenhados pela mulher, com os atravessamentos da sociedade do consumo, percebe-se que os ditames sociais continuam a submeter o feminino a cultura do espetáculo, num conflito entre a jovem e a velha, a princesa e a bruxa, o desejo do outro e o dejetivo. E é nessa diáde, que se encontram as novas possibilidades de significação ao pensar que as conquistas feministas colocaram a mulher num outro lugar de poder (poder econômico), cabendo agora a apropriação dessa posição social e as diversas possibilidades de escolhas, inclusive, de investir nos seus próprios desejos.

Palavras-Chave: *mulher contemporânea, envelhecimento feminino, subjetividade da mulher, desejo, imagem feminina.*

The Contemporary Woman and the Encounter with Aging

Abstract

The contemporary middle-class woman in the past decade has undergone historical and cultural transformations. With the advancements of feminist movements, social roles and functions are placing women in a different position: that of a productive and consuming individual. In this new context, there are intersections such as the biopsychosocial changes faced by middle-aged women, with menopause as a significant milestone. In this initial encounter with the aging process and its psychological impact,

¹ Formanda do curso de Psicologia pela Faculdade Mário Quintana, FAMAQUI. Endereço de e-mail: carolinevinas@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Psicóloga de casais, individual e família. Especialista em Psicologia Clínica com ênfase em Casal e Família pelo Domus: Centro de Terapia de Casal e Família e pelo Conselho Federal de Psicologia Coordenadora do Curso de Psicologia da FAMAQUI. Coordenadora e Professora no DOMUS. Endereço de e-mail: cristinaaragonez@famaqui.com.br.

the subjectivity of women is tested, and there is an attempt to understand the extent of real freedom of choice and the place of desire. This exploratory study, through a literature review utilizing theoretical contributions from psychoanalysis, social psychology, developmental psychology, and systemic psychology, aims to investigate who the contemporary middle-aged woman of the middle class is, what her identity is, and the possible choices arising from her freedom gained through feminist struggles. In these new roles played by women, amid the influences of consumer society, it is evident that social dictates continue to subject the feminine to a culture of spectacle, creating a conflict between the young and the old, the princess and the witch, the desire of the other and the reject. It is within this dichotomy that new possibilities for meaning are found, considering that feminist achievements have positioned women in a different place of power (economic power). Now, it is up to women to appropriate this social position and explore various choices, including investing in their own desires.

Keywords: contemporary woman, female aging, women's subjectivity, desire, feminine image.

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar quem é a mulher contemporânea de classe média nessa última década, destacando suas principais funções, seu papel social, seus desejos e sua relação com o envelhecimento.

Para isso, além de descrever quem é a mulher contemporânea, qual o processo histórico e cultural que a trouxe para essa nova realidade, qual o momento de vida que está experienciando, quais as mudanças biopsicossociais enfrentadas, pretende-se entender como ocorre seu primeiro contato com o processo de envelhecimento e o impacto psíquico decorrente dessa condição social tão temida no ocidente.

Dessa forma, partindo da contextualização desta mulher e das exigências da sociedade ocidental na busca pela imagem jovial, foi realizada uma revisão bibliográfica onde além de serem pesquisados/consultados literatura de referência sobre a temática escolhida foram explorados artigos científicos consultados na internet nos sites Scielo e Pepsic, bem como alguns trabalhos de conclusão e monografias apresentados em universidades brasileiras, utilizando como termos de pesquisa: mulher contemporânea, papel da mulher contemporânea, imagem da mulher contemporânea, desejo da mulher contemporânea, complexo de Jocasta, envelhecimento feminino, a mulher e o envelhecimento.

O presente trabalho é um estudo exploratório que buscou compreender a mulher contemporânea a partir do marco da menopausa, explorando os papéis exercidos por ela nessa fase da vida, bem como as exigências sociais e culturais a que está inserida. Para isso, foi analisado o padrão de imagem exigido pela sociedade atual, na busca pela beleza, juventude e magreza, inclusive ao se deparar com o envelhecimento.

No primeiro tópico do presente artigo pretende-se contextualizar a mulher contemporânea com a sua mudança de papel social no decorrer da história ocidental recente, através do olhar da psicologia social. Numa breve reflexão sobre as mudanças da posição feminina, buscou-se compreender a passagem da sua função de mãe e cuidadora/educadora da prole para a conquista da independência e inserção no mercado de trabalho.

Logo em seguida, no segundo tópico, será identificado, através da psicologia do desenvolvimento, os principais marcos do processo de envelhecimento feminino: as transformações físicas, cognitivas e psicossociais. Nesse sentido, foi explorada algumas características do desenvolvimento esperados para a fase da meia idade. Além, de processos físicos e cognitivos, foram destacados os aspectos psicossociais do envelhecimento descrevendo o estágio normativo do desenvolvimento, com a crise psicossocial da generatividade versus estagnação, abordados na teoria de Erik Erikson. Finalizando a temática desse tópico, pretendeu-se conceituar a menopausa e suas principais consequências para o público feminino.

Por fim, no último tópico, buscou-se compreender a subjetividade e a identidade da mulher contemporânea de meia idade na sociedade atual. Para isso, fez-se necessário conhecer o momento do ciclo vital que a mulher se encontra e seus principais conflitos e desafios. Além disso, foi investigada a importância do trabalho e da produção realizada pelo público feminino, e a consequente participação na economia de um país ocidental, numa cultura do consumo. Enfim, o ponto central para reflexão girou em torno do desejo da mulher e suas modificações no processo histórico e cultural.

Sublinhe-se que essa parte final do trabalho se valerá dos conhecimentos das abordagens psicanalítica, social e sistêmica para pensar a subjetividade da mulher contemporânea, principalmente com a chegada da idade madura. Nesse sentido, buscou-se entender a dinâmica entre as conquistas sociais adquiridas, com um novo papel exercido pelo público feminino, e o desejo na contemporaneidade.

A presente temática foi escolhida pela importante reflexão das mudanças de paradigma social que vem se estabelecendo nesse último século, onde o público feminino assumiu novos papéis, conquistou um novo lugar social e passou a vivenciar novas angústias. Numa sociedade que exige muita produtividade no trabalho e o desempenho ativo nos diversos papéis de mãe, esposa, filha, dona de casa, a mulher contemporânea ainda se depara com a busca da imagem perfeita: jovem, magra e bonita.

Nesse contexto, o conflito se agrava com a chegada da meia idade e de todas as consequências físicas, cognitivas e psicossociais que a acompanham. Dentre as angústias está o lugar do desejo e a busca por novos investimentos.

É de suma importância compreender como a mulher contemporânea madura se constitui como sujeito de direitos e desejos, ou seja, como se estabelecerá a sua subjetividade a partir dos marcos do envelhecimento nesse novo contexto social que exalta a beleza e a juventude e busca manter a ideologia do consumismo.

Assim, por ser um tema atual, pois discute o novo papel feminino com as novas demandas exigidas pela sociedade do consumo, e por ser uma angústia recorrente observada nas mulheres ao chegarem a idade madura, especificamente após a menopausa, o que se pretendeu com esse trabalho é conhecer um pouco mais sobre o processo de envelhecimento na contemporaneidade, na sociedade da imagem, na sociedade do espetáculo.

Desenvolvimento

Quem É a Mulher Contemporânea

Nesta última década, a mulher vem se destacando pela sua performance nos diversos papéis que desempenha. De profissional competente a mãe cuidadosa, dentre outras diversas funções, a mulher ainda busca se manter bonita, saudável e jovem. Porém, nem sempre foi assim. Precisa-se conhecer o processo histórico e cultural sofrido pela figura feminina para compreender a mulher contemporânea e suas facetas.

Antes do século XVIII, a mulher se dedicava às atividades domésticas, cuidando da casa e dos filhos, mas ainda não investida de funções claras consideradas relevantes. Foi a partir do século XVIII e XIX que a figura feminina ganhou destaque, principalmente na tarefa de criação dos filhos. Com efeito, é no advento da família burguesa, quando surgem preocupações de ordem médica - mortalidade infantil -, que a mulher ganha maior status, se dedicando ao aperfeiçoamento físico e moral das crianças, ou seja, neste momento a figura feminina passa a ser considerada de extrema importância na condição de mãe, responsável pela integridade material e imaterial de seus filhos. Todavia, mesmo num contexto de sociedade liberal e igualitária, na qual a vida feminina passa a se dedicar de maneira total à maternidade e ao lar, lhe é negada direitos de natureza política, bem como atuação em espaços públicos, muito por conta de discurso de ordem biológica (diferença sexual) e cultural dos sexos, subjugando a mulher ao seu esposo. Ancorada na ideia do instinto materno, a mulher passa a receber educação para tão importante tarefa, de modo a transmitir uma imagem de sensata, ponderada e modesta, sendo a maternidade a perfeição de suas características biológicas femininas: perfeição do útero, perfeita em sua especificidade. (Nunes, 2011; Bernardi, 2019; Lopes, Dellazzana-Zanon; & Boeckel, 2014; Nascimento, Próchno & Silva, 2012).

Nesse contexto, onde os papéis do homem e da mulher estavam bem definidos, sendo o primeiro o provedor do lar, o único responsável pelo sustento e autoridade, e a segunda a responsável pela função doméstica, cuidando da casa e da educação da prole, foram surgindo mudanças na sociedade ocidental. Da revolução industrial, com a necessidade de complementação de renda familiar, a revolução sexual, com a criação da pílula anticoncepcional, o século XX foi marcado pela transformação da figura feminina, onde a maternidade deixou de ser a principal função. Dos movimentos feministas, da luta pelos direitos das mulheres como cidadãs, surge uma mulher que sai para trabalhar, ganhando valores econômicos essenciais para o sustento da família. Ela almeja igualdade de direitos e adquire destaque social em todas as áreas. Tem sido um caminho longo, ainda desbravado. (Braga, Miranda & Veríssimo, 2018; Nunes, 2011; Borges, 2013).

Atualmente o que se vislumbra é uma mulher que deixa de ser fonte de renda complementar na família, passando, em muitos os casos, a renda única desse núcleo, é a própria provedora do lar. Não há mais submissão ao masculino (esposo, pai). Muitas nem casadas são. Nessas diversas possibilidades (solteiras, casadas, divorciadas, mães soltas) o que se percebe é que o público feminino está independente. Além disso, se verifica que parcela da economia está em suas mãos, pois, desde que ingressou no mercado de trabalho, encontra-se como uma importante consumidora de bens e serviço. Ainda, devem ser destacadas outras conquistas, como: o ingresso nas universidades e as variadas formações acadêmicas, a atuação em diversas profissões e a participação nas lutas políticas

tendo relevante influência no cenário político ocidental. (Bernardi, 2019; Lopes, Dellazzana-Zanon & Boeckel, 2014; Nascimento, Próchno & Silva, 2012).

Nesse contexto, estando a mulher inserida no mercado de trabalho com significativa parcela da economia em suas mãos, percebe-se que os produtos e bens de consumo são oferecidos cada vez mais para esse público. Hoje, principalmente, pelos ditames culturais dessa era da beleza e da imagem, há a busca por conquistar por mais tempo a aparência jovem, magra, bonita, arrumada, cuidada. Dessa forma, são criados produtos específicos que se especializam nessa imagem, ocupando o corpo maior destaque, a ponto de tornar-se uma espécie de “alter-ego”. A mulher se encontra numa situação na qual o “corpo-objeto” se revela um bem de consumo. De fato, na transição da esfera privado para o público, o corpo se tornou objeto, já que a imagem toma centralidade na cultura ocidental. Enfim, a juventude é o ápice a ser alcançado pelo público feminino nesse tempo narcísico e de aparências. (Nascimento, Próchno & Silva, 2012; Borges, 2013; Silva & Lima, 2012).

Por fim, a mulher contemporânea é o resultado desse ser “desejante”, desse movimento na qual ela investe esse desejo em objetos diferentes, a depender da época e momento da vida. Fato é que, seja na profissão, seja na aparência, seja na produção acadêmica, seja na maternidade, nessas últimas décadas, ela conseguiu ampliar sua liberdade de escolha, permitindo-lhe circular por diversos desejos. (Braga, Miranda & Veríssimo, 2018). Assim é a mulher contemporânea, aquela que exerce uma multiplicidade de papéis, muitos deles resultantes, simplesmente, da sua liberdade de escolha. Ou seja, adquiriu para si o direito de responder às seguintes perguntas: “qual profissão quero ter?”; “quero ser mãe ou não?”; “quero casar ou ficar solteira?”; “quero ser empreendedora?”; “quero ter formação acadêmica?”; “quero fazer procedimentos estéticos?”; “quero envelhecer naturalmente?”; “quero...?”

Envelhecer, um Processo

O processo de envelhecimento foi sendo modificado nas diversas épocas da sociedade. Não muito longe, no início do século XX, a expectativa de vida de uma mulher era de 50 anos. Nem todas as mulheres chegavam a uma idade avançada. Contudo, com o progresso da medicina, com os avanços nos tratamentos das patologias, com ações preventivas ofertando diversas opções saudáveis, e com a diminuição dos falecimentos na infância e no parto, hoje uma mulher de 50 anos encontra-se na metade de sua vida ou, como alguns chamam, na vida adulta intermediária. A expressão meia-idade surgiu assim nominada pelos dicionários no ano de 1895, ao se verificar que a expectativa de vida se prolongava. Nos estudos da psicologia do desenvolvimento, a vida adulta intermediária é definida como o período compreendido entre os 40 e 65 anos de idade, ainda oscilando em razão dos avanços científicos. Independente da precisão destes dados, será abordado nesse tópico os principais marcos do processo de envelhecimento: as transformações físicas, cognitivas e psicossociais. (Papalia & Feldman, 2013; Laznik, 2003; Cozzolino, Gatti & Salles, 2019).

Iniciando pelo aspecto psicossocial do envelhecimento, pela sua relevância para este trabalho, vale destacar os estágios de desenvolvimento abordados na teoria de Erik Erikson. Para este autor, a meia-idade ou idade adulta encontra-se como o sétimo estágio normativo do desenvolvimento, onde a crise psicossocial verificada é a generatividade versus estagnação. Para ele, generatividade é

entendida como o momento em que o adulto intermediário se preocupa em orientar a geração que está vindo para sucedê-lo, preparando esses jovens nos múltiplos papéis que serão exercidos na vida: no trabalho, política, religião, arte, dentre outros. Assim, generatividade é vista como a qualidade esperada nesse período de vida, produzindo o cuidado, considerado força básica dessa fase. Em contrapartida, quando o adulto intermediário se torna centrado em si mesmo, autoindulgente, se verifica a oposição à generatividade, dando origem à estagnação, que é a indisponibilidade de cuidado ao outro, sendo considerada por Erikson a patologia central da idade adulta. (Papalia & Feldman, 2013; Feist, Feist & Roberts, 2015).

No que se refere ao aspecto físico do envelhecimento, podem ocorrer mudanças e perdas, tanto física como mentais, a partir dos 40 anos de idade. Dentre as alterações já identificadas, estão: a redução de massa óssea (a estatura vai diminuindo 1 centímetro por década); diminuição da capacidade de focar objetos próximos (visão cansada ou presbiopia); baixa taxa do metabolismo basal, pele fica menos elástica e oleosa, mais fina e friável; e diminuição na audição, que normalmente não interferirá no dia a dia. Nesse período, poderão surgir possíveis problemas de saúde, responsáveis pela redução da qualidade de vida nessa fase do ciclo vital. Obviamente, essas perdas são gradativas e variam de pessoa para pessoa, dependendo da genética e do estilo de vida, como alimentação e exercícios físicos. De qualquer forma, com o avanço da medicina e dos tratamentos preventivos, as alterações físicas do envelhecimento na sociedade contemporânea estão ocorrendo em idades mais avançadas, cada vez menos perceptíveis na vida adulta intermediária, como era definida pela psicologia do desenvolvimento. (Schneider & Irigaray, 2008, Papalia & Feldman, 2013).

Ainda, em relação ao aspecto cognitivo do envelhecer, embora constatada uma diminuição de peso e de volume do encéfalo pela perda de neurônios, normalmente as funções mentais se preservam. Na realidade, pesquisas realizadas mesmo em pessoas de idades mais avançadas, entre os 65 a 75 anos, resultaram em conclusões que apontam para perdas sutis, restando normalmente preservadas a maioria das funções cognitivas que são exercitadas por pessoas idosas saudáveis. Os exercícios físicos, por exemplo, são um dos fatores que contribuem para um melhor desempenho cognitivo. Novamente, assim como no aspecto físico, o estilo de vida tem forte influência no aspecto cognitivo. Além do estilo de vida saudável, a pessoa que permanece exercitando seu cérebro, utilizando informações que foram adquiridas no decorrer da vida, mantém conservada a inteligência cristalizada, que são os conhecimentos que foram sendo adquiridos no decorrer da vida e armazenados na memória. Nesse sentido, da mesma forma como tinha sido constatado no aspecto físico do envelhecimento, não vem se percebendo grandes alterações cognitivas no adulto intermediário (período entre os 45 e 65 anos), eis que na atual sociedade há uma cultura de busca pela saúde, qualidade de vida e pela juventude, sendo respaldada pelo avanço da ciência e da medicina. (Argimon, 2006; Dias et al., 2014; Schneider & Irigaray, 2008; Papalia & Feldman, 2013).

Dito isso, independente dos aspectos psicossociais, físicos e cognitivos verificados no processo de envelhecimento em geral, o presente trabalho aborda especificamente o início do processo de envelhecimento do público feminino. Sobre isso, é fundamental pontuar que as mulheres são atravessadas por um marco químico-biológico significativo, determinante na influência da estrutura física, cognitiva e psíquica desta etapa da vida: a menopausa.

A menopausa é um marco significativo na vida da mulher, pois é o momento em que se estabelece a perda da capacidade reprodutiva. É um processo natural e fisiológico feminino, em que transcorre a diminuição e/ou alteração dos níveis hormonais (estrogênio e progesterona), responsáveis pela ovulação e menstruação. Normalmente, ocorre gradativamente numa faixa etária que varia de 40 anos a 60 anos. Vai do climatério, ou seja, da transição do período reprodutivo, com a diminuição dos hormônios produzidos pelo ovário, até a cessação total da menstruação, a menopausa. Assim, pode-se dividir em três fases esse processo feminino de envelhecer: a pré-menopausa, que são os ciclos menstruais irregulares e o início dos sintomas que vão aparecendo até 12 meses; a menopausa, que é a ausência da menstruação por 12 meses; e, a pós menopausa, que é parada da menstruação por mais de 12 meses. (Souza & Araújo, 2015; Papalia & Feldman, 2013).

Apesar desta definição como marco fisiológico, o que mais emerge nesse período, sendo um grande desafio e até possível sofrimento para mulher, são os sintomas que acompanham esse percurso. Dentre eles, variando de pessoa para pessoa, estão: fogacho ou ondas de calor, sudorese noturna, secura da pele, secura vaginal, distúrbio de humor (irritabilidade, alterações do humor, depressão, ansiedade), modificação na sexualidade ou disfunção sexual, distúrbios cognitivos (esquecimentos), sintomas vasomotores, osteoporose e distúrbios do sono. (Souza & Araújo, 2015; Papalia & Feldman, 2013).

A redução dos níveis de estrogênio é responsável pelos sintomas acima descritos. Na explicação de Antunes, Marcelino e Aguiar (2003), alguns sintomas são considerados comuns para maioria das mulheres nesse momento da vida. Dentre eles estão as perturbações vasomotoras, conhecidas como ondas de calor, que são sentidas na parte superior do corpo feminino, seguidas de suores frios, com aumento da frequência cardíaca e do fluxo sanguíneo. Esse sintoma vem acompanhado muitas vezes de vertigem e atingem aproximadamente de 60 a 80% das mulheres, sendo mais intenso nos dois primeiros anos da menopausa, desaparecendo com o tempo.

Também destacam os autores que a redução dos níveis de estrogênio está associada à insônia (dificuldade de adormecer ou ter um sono de qualidade). Quando o estrogênio encontra-se em níveis normais, parece ter efeitos que regulam as áreas do sono no hipotálamo, funcionando como agonistas da serotonina e da acetilcolina e possuem um efeito misto a nível da noradrenalina e das endorfinas, com a diminuição dos receptores da dopamina e aumento da atividade do GABA, regularizando - além do sono - o humor. Ainda, descrevem outros sintomas possíveis com a baixa do estrogênio: atrofia da mucosa vaginal, onde se verifica o aumento do pH e diminuição da secreção vaginal; alteração do metabolismo com possível ganho de peso; diminuição da densidade mineral óssea, aumentando a incidência de osteoporose.

Contudo, nada é mais significativo para o público feminino do que as alterações que vão sendo percebidas na pele após a menopausa. É nessa fase que vai se verificando a diminuição da espessura, o ressecamento e uma menor produção de oleosidade na pele. A partir disso, aparecem as ditas rugas, próprias da redução do colágeno tipo I, que formam a diminuição das fibras elásticas, a rigidez do colágeno, o declínio do tecido conjuntivo, a diminuição da oxigenação tecidual e desidratação excessiva. (Sampaio, 2016; Fagnani et al., 2013; Antunes, Marcelino & Aguiar, 2003).

Apesar desse contexto, na qual ocorrem as transformações físicas e psíquicas, com acentuação dos sintomas já descritos, percebe-se uma mulher em seu auge de vitalidade, numa fase ativa de sua vida, multitarefas, que precisa produzir, consumir e angariar um padrão estético de juventude. O público feminino passa de uma função reprodutora, na qual se via a possibilidade da maternidade, para outro papel ainda desconhecido, inexplorado. É um momento de luto, porquanto há inúmeras perdas, e, concomitantemente, um momento de descoberta dessa nova identidade: o feminino sem possibilidade de reprodução. (Jorge, 2005; Laznik, 2004).

Como se observa, a experiência do envelhecimento, que, para as mulheres, eclode com a chegada da menopausa, depende muito das vivências pregressas experimentadas no decorrer da vida: da imagem e da identidade que construiu de si nesse processo. Portanto, como são singulares os sentimentos, também são singulares as formas de superação desse período. Realmente, a maneira como a mulher se constituiu no decorrer de sua história, sua relação com o mundo externo e consigo mesma, será imprescindível para o enfrentamento dessa fase, dado que o envelhecimento requer a metamorfose, onde os investimentos precisam ser transformados continuamente. Por corolários, nesta nova fase exurge mais espaço para a mulher investir em si própria, em projetos pessoais, abrindo-se a novas referências. Isto é, há um aumento potencial para superação das próprias limitações. Então sim, voltando a teoria de Erikson, é um momento de passar o bastão para as novas gerações, mas vai muito além disso. É um momento de redescoberta de identidade, do feminino, de potencialidades até então não exploradas e da sexualidade. (Jorge, 2005; Ploner et al., 2008; Mori & Coelho, 2004; Laznik, 2004; Carrara, Vinagre & Pereira, 2020).

Dessa forma, como já explicitado, cada mulher vai percebendo os referidos sintomas de forma subjetiva e única, sendo influenciada pela sua história de vida e pelo seu contexto cultural e social e, por isso, o contato com o envelhecimento é compreendido como um processo complexo e multifatorial. (Schneider & Irigaray, 2008; Moreira & Nogueira, 2008; Carrara, Vinagre & Pereira, 2020).

Desta maneira, sendo o feminino transformado de forma física, psíquica e social com a chegada da menopausa, percebe-se que, no encontro com o envelhecimento, a mulher precisa lidar com muitas faltas e encontrar novos investimentos. Nesta metamorfose, além das experiências singulares de cada história, encontra-se mais um desafio: a sociedade e cultura de cada época. (Carrara, Vinagre & Pereira, 2020).

A Mulher Contemporânea e o Envelhecimento

A partir dos marcos físicos, cognitivos e psicossociais abordados no tópico anterior, passa-se a compreender quem é a mulher contemporânea de meia idade na sociedade atual.

Primeiramente, parte-se de uma figura feminina da classe média na sociedade ocidental que ocupa uma diversidade de papéis e exigências sociais. Da produtividade do trabalho, das funções exercidas na família até busca pela beleza e juventude, está-se diante de uma mulher imergida numa cultura do consumismo, do narcisismo e da imagem. Consumismo, pois ao ser inserida no mercado de trabalho, a mulher consome, e consome muito. É ela quem escolhe os produtos necessários para família e para casa, bem como os produtos estéticos considerados imprescindíveis para manutenção da imagem

exigida socialmente. Narcisismo, porque se vivencia, de maneira aguda, um momento social que propicia a disseminação de desejos e realizações individuais decorrentes dessa sociedade capitalista, muito caracterizada pela formação de um sujeito voltado precipuamente para si, carente de relações sociais. Por fim, a imagem refere-se à cultura do culto ao corpo na contemporaneidade, e de tudo que ele representa socialmente, no palco da sociedade do espetáculo. (Nascimento, Próchno & Silva, 2012; Silva & Lima, 2012).

Tendo contextualizada essa cultura que o público feminino está inserido, precisa-se compreender qual o papel da mulher dentro do grupo familiar nessa fase da vida. Acerca disso, está-se diante de uma diversidade de possibilidades, visto que a figura feminina contemporânea pode estar no papel de mãe, filha ou avó. E pensando especificamente no ciclo vital familiar, nesse período da menopausa, pode-se dizer que a mulher também vivencia fases diferentes, conforme seus filhos estejam na fase da adolescência ou adulta.

No primeiro caso, com filhos adolescentes, a mulher tem o grande desafio de se adaptar à fase segundo o qual o adolescente experimenta alternância quanto ao relacionamento com os seus pais, num movimento de gradual independência, cabendo a esta mulher/mãe a necessária compreensão e flexibilização das fronteiras familiares. Nesse momento, o sistema familiar original sofre alterações, notadamente na constatação de que os jovens costumam construir suas relações para além da família, com os amigos, por exemplo, ocasião que estabelece novos ideais e valores, passando os pais a exercer cada vez menos autoridade. É nesse momento, aliás, que o casal (os pais) despende mais tempo para se debruçar sobre as questões conjugais, sobre seu relacionamento, suas satisfações e insatisfações, seus investimentos profissionais. Também é nessa etapa que, muitas vezes, se inicia a preocupação com os genitores, isto é, com cuidado da geração anterior, que se encontra numa idade mais avançada. (Carter & Mcgoldrick, 1995; Papalia & Feldman, 2013).

Já no segundo caso, na fase na qual os filhos estão sendo lançados para o mundo, e seguindo-se em frente, a mulher passa por novos desafios e mudanças, estabelecendo-se outro relacionamento com sua prole, que agora já são adultos, aqui é preciso que: se aceite saídas e entradas de novos membros ao grupo familiar, isto é, que se enfrente o fenômeno do “ninho vazio” (quando os filhos saem de casa) ou, no outro extremo, do “ninho cheio” (quando os filhos ficam em casa). Ainda, é o momento de se reconectar com o cônjuge, diante do novo status possível: de pais para avós. Por fim, não se pode olvidar do adoecimento e perda de seus próprios pais. (Carter & Mcgoldrick, 1995; Papalia & Feldman, 2013).

Além da compreensão do papel da mulher no ciclo familiar nessa fase da vida, é de suma importância referir sua relação com o trabalho, que se encontra em seu auge, tendo ela aderido ou não à maternidade. Com a chegada da menopausa, onde o foco não é mais a possibilidade de reprodução, com as novas fases do ciclo vital (com filhos adolescentes ou lançados ao mundo) e com a mudança dos objetivos de vida, o trabalho se investe de grande relevância, sendo percebido, muitas vezes, como um projeto que lhe permita o sentimento de permanecer produtiva. Nesse sentido, vem se percebendo a busca pela realização profissional e financeira, pois ainda há disposição e vitalidade, não sendo mais um período de total preocupação com a prole, que já está em processo de independência. O trabalho para o público feminino faz parte de sua própria identidade, sendo um garantidor de sua independência

e liberdade, uma conquista da luta feminina iniciada no século XX. Além disso, a mulher trabalhadora é considerada uma consumidora essencial para a manutenção da economia, porque, além dos produtos necessários para família, ela escolhe e consome uma boa parte das ofertas de mercado, inclusive para manutenção de sua saúde e juventude. (Borges, 2013; Jorge, 2005; Vieira, 2005).

Ainda, ao se falar em identidade feminina, necessário abordar o desejo da mulher contemporânea madura. Se antes ela buscava ser o objeto de desejo do outro através do seu corpo, da juventude, da beleza e da possibilidade da maternidade, agora precisa lidar com um novo lugar: não ser mais esse objeto de desejo. Analisando, através do olhar da psicanálise, o feminino e sua constituição (desde o momento em que há o investimento da figura materna no bebê, passando pela figura paterna e a castração edípica, pelo desejo de suprir a falta com o filho e, finalmente, por ser um objeto de desejo do “masculino”/do outro), vê-se que o marco da menopausa, e conseqüentemente o envelhecimento, vai subtraindo da mulher a posição de ser um objeto de desejo do outro (do seu papel de sedução) e a redireciona na busca de novas formas de vivenciar esse desejo. Ora, se antes o masculino era o responsável pelo discurso da identidade feminina, agora, a partir do momento em que a mulher se retira dessa posição do desejo dele e de seduzi-lo, há a possibilidade do reencontro com a sua unidade/integralidade. Certamente, não é uma transição fácil, visto que, ao se olhar no espelho, conforme vai se deparando com a perda da juventude, a mulher se vê desfigurada, não desejada, como se perdesse seu lugar. Esse espelho é o olhar do outro, da sociedade e do masculino. Por isso, se torna tão difícil o encontro do sexo feminino com o esse processo de envelhecimento na contemporaneidade, pois ainda há os resquícios de uma cultura machista, patriarcal. É uma mudança de paradigmas: sair da posição do objeto de desejo do outro, com valor fálico, para constituir seus próprios desejos. Assim, com a perda desse lugar (objeto de desejo do outro) e através desse novo contexto sociocultural de uma mulher independente e com novos papéis, poderá abrir-se novas possibilidades do desejar. (Laznik, 2003; Vieira, 2005; Sanches, 2010).

De qualquer sorte, para além dos papéis sociais exercidos nessa fase da vida e acompanhando todas as transformações e conquistas ocorridas no decorrer da história na cultura ocidental, inclusive o lugar do desejo, torna-se imprescindível compreender qual a identidade e subjetividade dessa mulher contemporânea. Para isso, precisa-se falar sobre as mudanças ocorridas na sociedade que iniciaram no século passados.

Inicialmente, verifica-se que há dois modelos se contrapondo: primeiro o modelo da mulher construída pela sociedade patriarcal e machista (valor dado ao corpo vinculado ao útero da mãe), depois o modelo de mulher emancipada, que conquistou o mercado de trabalho, a liberdade de escolhas, inclusive com o uso da pílula anticoncepcional. (Boris & Cesidio, 2007; Vieira, 2005).

Além disso, também se vislumbra a transformação do desejo que pode ser percebido em dois momentos distintos: no primeiro momento, na sociedade onde o feminino era importante por gerar, percebia-se apenas o desejo do outro; no segundo momento, na contemporaneidade, vem se identificando duas formas de desejar que convivem. Em relação ao desejo na atualidade, observa-se que a mulher ainda está diante do olhar do outro sendo vista como valor fálico através da sua juventude e beleza (ela é desejada). E é a partir de ser esse desejo do outro que ela passa a buscar a imagem do espetáculo. Os próprios produtos estéticos são criados e disponibilizados para manutenção dessa

imagem como decorrência do desejo do outro. Contudo, com a chegada da menopausa ocorre um fenômeno, um desinvestimento do objeto pelo outro, colocando a mulher no lugar de dejetivo e, ao mesmo tempo, fomentando uma possibilidade de novos investimentos, nos seus próprios desejos que são possíveis pelo seu novo status social de independência. (Laznik, 2003; Boris & Cesidio, 2007; Vieira, 2005).

Assim, é nesse cenário de mudanças que vai surgindo uma nova subjetividade feminina. Atualmente, a mulher pode fazer suas próprias escolhas: se deseja (e quando) ou não a maternidade; se deseja estudar e o quê estudar; se deseja trabalhar e qual a profissão; se deseja consumir ou o quê consumir; se deseja votar numa ideologia política ou em outra, enfim, ela é livre para desejar. E nesse sentido, o desejo vai para muito além do sexual, que também é uma conquista feminista, vai para o seu próprio corpo que é visto, desejado e cuidado. (Laznik, 2003; Boris & Cesidio, 2007; Vieira, 2005).

Sublinhe-se que a liberdade é o ponto central desse novo contexto cultural e produção de nova subjetividade feminina. A conquista dos movimentos feministas permitiu essa metamorfose na identidade feminina. Para além das liberdades já citada (políticas, econômicas e sociais), a mulher pode se encontrar com seu desejo que também é livre. O desejo, aos olhos da psicanálise de Freud, é visto como uma pulsão, como uma força motriz que leva o sujeito a se movimentar em busca do prazer, da satisfação, ou desejo sexual e que faz parte dos instintos do ego. Contudo, esse desejo quando satisfeito pelo prazer, que é temporário, logo trará o sentimento de falta, onde o sujeito volta a desejar outras coisas numa constante busca. Assim, o desejo não possui um objeto exclusivo que lhe permita uma satisfação absoluta, ele é indestrutível e encontra-se numa posição de incansável repetição. E é nessa linha de entendimento do que é o desejo freudiano de não possuir um objeto exclusivo para satisfação e analisando as transformações ocorridas com o início do processo de envelhecimento (do desejo do outro para seu próprio desejo), que se abre para a mulher contemporânea um vasto campo de possibilidades, todas elas passíveis de serem investidas, para além do desejo do outro, como por exemplo: o trabalho, os novos conhecimentos, os relacionamentos amorosos ou amigáveis, o cuidado com o corpo, a beleza, a juventude, a saúde, dentre outros. (Rocha & Rosa, 2019; Braga, Miranda & Veríssimo, 2018; Borges, 2013; Laznik, 2003).

Dessa forma, é a partir do marco da menopausa que se vislumbra uma potencialização nessa mudança do desejo feminino, pois deixa de ser apenas o lugar do desejo do outro e assume um novo lugar, de seu próprio desejo. Por isso, conclui-se que a subjetividade da mulher contemporânea se encontra nessas inúmeras opções de investimento feminino, nessa liberdade de escolha e na busca da satisfação do seu próprio desejo. (Rocha & Rosa, 2019; Braga, Miranda & Veríssimo, 2018; Borges, 2013; Laznik, 2003).

Todavia, apesar de toda essa transformação acima descrita da subjetividade feminina, com destaque para a nova posição do desejo, ainda assim o contexto sócio-histórico desta época traz novos desafios. Com efeito, o sistema político e econômico vigente, com a exaltação da cultura mercadológica e de imagem, impõe à figura feminina novas formas de submissão, influenciando o desejo. Veja bem, a mulher continua a viver numa cultura da veneração ao corpo, numa imagem de beleza que é exigida a qualquer custo. É a estética da juventude ditada pelo consumo. Dito de outra forma, fala-se do corpo feminino que é objeto de grande investimento na sociedade contemporânea. Que corpo é esse? Esse

corpo reflete a cultura da nossa época. E vive-se, nesta época, a cultura do consumo. Ora, na sociedade ocidental vigente, o corpo tem posição destaque, e, não obstante a liberdade (sexual e física) conquistada pela mulher, assumindo uma função moral e ideológica, ele está inserido num contexto capitalista também contemporâneo, na qual tudo se investe de valor de como objeto de consumo. Acrescenta-se a isso o fato de que se vive numa sociedade do espetáculo, com particular preocupação pela constituição da imagem. Tudo isso leva a concluir que, numa relação intercambiável, a imagem é sustentada pelo consumismo e justificada pelo narcisismo, ou seja, pelos desejos e realizações individuais decorrentes da sociedade capitalista. Nesse contexto, o corpo da mulher é visto como objeto de desejo, tanto pelo próprio público feminino, quanto pelo masculino, e precisa ser conquistado e mantido. E isso se faz através do consumo e dos inúmeros produtos (cosméticos, como cremes para rosto e corpo e suplementos vitamínicos, colágeno), procedimentos estéticos (Limpeza de pele, Peeling de cristal, Peeling químico, Microagulhamento facial com Drug Delivery, Tratamentos de estrias, Tratamento de microvasos, Eletrolifting, Depilação a laser, Radiofrequência, Criolipólise, Carboxiterapia), cirurgias plásticas (Mamoplastia, Blefaroplastia, Rinoplastia, Abdominoplastia, Otoplastia, Lipoaspiração, Facelift) e serviços (musculação, pilates, funcional, crossfit, yoga, massagens estéticas) que almejam a busca pelo objeto desejado: o corpo como resultado da imagem da beleza e da juventude. (Boris & Cesidio, 2007; Nascimento, Próchno & Silva, 2012; Laznik, 2003).

Indo mais além, em que pesem as gratas mudanças integradas à subjetividade da mulher contemporânea, com investimento nos seus desejos e não mais no desejo do outro, há, por outro lado, os novos ditames culturais da beleza e da juventude. Então, com o advento do marco natural da menopausa, franqueiam-se para a mulher, tanto possibilidades existenciais, como conflitos e sofrimentos gerados pelo contexto sociocultural capitalista-consumista. Isto porque, para muito além dos sintomas físicos percebidos, a mulher madura precisa conviver com a cultura da imagem e mantê-la. De fato, note-se que há uma contradição, se de um lado o marco da menopausa é considerado um novo momento para os redirecionamentos dos investimentos da mulher, onde o desejo poderá ser investido em outros objetos (profissão, cuidados filhos, netos, pais, relacionamento maduro com liberdade sexual, amizades), por outro lado está-se diante de um novo contexto histórico-cultural, onde se destaca a importância da imagem, do corpo jovem e bonito. Assim, se anteriormente, através do olhar psicanalítico o investimento na imagem, no corpo feminino, seria para disfarçar a falta fálica, na sociedade contemporânea o que se percebe é a cultura do consumo para manutenção dessa imagem, numa continuidade do controle social decorrente do capitalismo. (Nascimento, Próchno & Silva, 2012; Vieira, 2005).

De qualquer sorte, dentro da contextualização acima destacada, o conflito feminino na idade madura encontra-se ainda na imagem vista no espelho da madrasta da Branca de Neve: Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? Sim, a Branca de Neve. Nesse clássico infantil vinha evidenciada a ideologia de uma época: que a bruxa malvada era a mulher envelhecida e que a princesa era a juventude. O espelho era o grande outro, a sociedade, que informava a rainha sua nova condição (perda do olhar do outro), expressando sua preferência pela jovem Branca de Neve. E aí vem os questionamentos sobre a mulher contemporânea de meia idade: Quem é essa nova mulher? Com novos traços que fogem do padrão de beleza e juventude, com a impossibilidade de reprodução, com

a adaptação as novas condições físicas e sociais, o público feminino se depara com uma crise, uma angústia ao iniciar o processo de envelhecimento. Será que ainda a mulher precisa perguntar para espelho sobre sua beleza e juventude? Será que a cultura da imagem novamente coloca a mulher numa posição submissa e do desejo do outro? Será que a liberdade conquistada pelos movimentos feministas está sendo subtraída de forma quase invisível pela cultura do consumismo? Há liberdade de escolha? (Laznik, 2003).

Através dos questionamentos suscitados, e analisando as transformações culturais-sociais desse tempo, vai se concluindo que a mulher de meia idade na contemporaneidade poderá sim realizar novas escolhas e ter novos objetos de investimento que lhe permitam uma vida de satisfação e prazer. Não há como fugir da cultura da imagem, destaque do século XXI. Porém, há a liberdade de decisão de como e de quanto consumir para investir nesse corpo (objeto de desejo). Note-se que há inúmeras possibilidades a ser experimentadas pelo público feminino nessa fase da vida, como por exemplo: investimento em relacionamentos maduros e saudáveis; investimento na profissão; investimento em novos projetos que lhe deem sentido. Ou seja, é viável lançar-se em diferentes experiências que lhe permitam ter momentos de felicidade e prazer. (Laznik, 2003; Borges, 2013; Jorge, 2005; Boris & Cesidio, 2007; Rocha & Rosa, 2019).

Dessa forma, mesmo que esse novo momento feminino traga sofrimento inicialmente, é através da liberdade de escolhas que a mulher contemporânea possui que lhe será permitido experimentar um novo caminho a ser trilhado, com novas significações e novos investimentos.

Por fim, entende-se que a mulher madura contemporânea, com sua nova identidade e subjetividade, poderá encontrar, talvez, investimentos que lhe permitam muito mais satisfação de prazer do que antes. E o desejo? Este, com certeza, poderá permanecer pulsante e em busca de objetos diversos e significativos para sua satisfação.

Considerações Finais

Com as mudanças de paradigmas do papel e da posição da mulher na contemporaneidade, o presente trabalho buscou situar esse novo contexto sociocultural com a chegada da menopausa e o processo de envelhecimento.

O público feminino obteve grandes conquistas através das lutas feministas que se intensificaram no século XX. Dentre os avanços conquistados está a liberdade de escolha. Contudo, apesar desse direito, os ditames sociais continuam sendo cruéis ao submeter o feminino a cultura do espetáculo. Nesse conflito entre a jovem e a velha, a princesa e a bruxa, o desejo do outro e o dejetivo, encontra-se novas possibilidades de significação. Na compreensão de que as conquistas feministas colocaram a mulher num outro lugar de poder, o poder econômico, cabe a apropriação dessa posição social.

No entanto, se faz necessário sublinhar que apesar das conquistas acima citadas, a mulher ainda vive uma revolução interna. Isto porque, nesse processo de transformação sociocultural, a educação feminina, de geração para geração, manteve padrões de pensamento e atitudes invisíveis a consciência. Há uma repetição do modo de vida transgeracional. A liberdade interna não é completa.

Nesse sentido, nota-se que desde criança o público feminino aprende a ver o mundo e as relações sociais a partir de uma lógica incrustada pela cultura familiar ocidental, mais especificamente da sua própria família. Então, o conflito interno está instaurado: assumir os direitos conquistados de liberdade de escolhas ou manter padrões familiares repassados.

E a partir desse conflito, o público feminino passa a viver com a constante culpa e a dúvida sobre quais e como exercer os papéis sociais que lhe são atribuídos. Dessa forma, juntamente com essa díade entre a liberdade de escolha sobre os papéis que pretende exercer e o sentimento de obrigação de ser mãe e dona de casa (instaurado pela cultura social e familiar) vem sendo estabelecido um novo momento histórico-cultural, com destaque para a cultura do consumo e do espetáculo.

Assim, se anteriormente a sociedade exigia da mulher que exercesse a maternidade, o cuidado e educação da prole, buscando diminuir a mortalidade infantil e insculpindo um padrão de pessoas que dessem conta de manutenção da cultura da época, hoje, para além desse papel, a mulher assumiu vários outros, dentre eles, sua importante participação no mercado de trabalho e manutenção da sociedade do consumo.

Ora, a mulher está inserida num contexto multitarefas e claro que consegue dar conta de todos esses papéis, pois, como acima citado, precisa atender todas as demandas para acalmar sua briga interna (sua culpa). No entanto, muitas vezes, nesse turbilhão de atividades executadas, quase que automaticamente, não consegue tempo para olhar para si e para o seu desejo.

Note-se que a grande conquista de adentrar ao mercado de trabalho, de estudar, de estar muitas vezes a frente de grandes cargos privados, públicos e políticos, juntamente com a função familiar (mãe, vó, filha) e manutenção do lar, bem como tantas outras atividades desempenhadas pelo público feminino, vai levando a mulher contemporânea a uma exaustão. Ela está sozinha na execução de tantas tarefas. Na realidade, ainda não há uma divisão real dos afazeres entre homens e mulheres. Os salários, por exemplo, não correspondem as atividades executadas. A maioria do público feminino ainda permanece percebendo valores menores que o público masculino na realização do mesmo serviço (temática de suma importância que precisaria ser abordada num artigo próprio). No entanto, o seu trabalho é indispensável para manutenção da economia. A mulher também é indispensável nas outras diversas incumbências que exerce, quase que exclusivamente (mãe, dona de casa, Uber, cuidadora dos pais...). Ela está sobrecarregada. Os novos papéis conquistados pelas lutas feministas desde o século XX aumentaram suas funções, porém ainda não lhe deram a posição de igualdade tanto sonhada.

Então, é nesse contexto, diante desses conflitos internos e dessa nova forma de vivenciar o mundo multitarefas, que a mulher ainda precisa conviver com uma nova fase de vida a partir da chegada da menopausa. É o fim da possibilidade de reprodução e o início de novos questionamentos. Nesse momento, as angústias se reatualizam, os papéis se redirecionam e a mulher precisa se olhar e refletir de como vivenciará essa nova fase, uma vez que se depara com a aproximação da finitude da vida.

Claro que o processo de envelhecimento e as angústias são vivenciadas de forma singular. Cada pessoa é um sujeito único que processará essa nova fase a partir de sua história e de suas experiências pessoais.

No entanto, diferente do público masculino, o público feminino se encontra com o processo de envelhecimento de forma significativa e datada, pois com a chegada da menopausa precisa enfrentar a impossibilidade de reprodução e o que isso representa na atual sociedade: perda da juventude e da beleza e a proximidade com a morte. Nesse momento, há uma tendência natural de reavaliação da vida e das escolhas até então realizadas, bem como uma reflexão sobre como se trilhará o caminho nessa próxima fase da vida.

Por óbvio essa decisão não é feita de forma totalmente livre, permanecendo influenciada também pelo contexto histórico-cultural vigente. Assim, são muitos atravessamentos nesse processo de envelhecimento. Porém, independente de todas as mudanças físicas, cognitivas e sociais com a chegada da menopausa, cabe a mulher se colocar no mundo, se utilizando da sociedade do consumo e da imagem ao seu favor.

Não há certezas sobre como se posicionar socialmente a partir da meia idade, mas existe a liberdade de escolha. Pode-se aderir ao projeto de juventude e beleza estabelecido pela sociedade do consumo, mas pode-se também escolher outros investimentos, outras formas de desejar.

No entanto, vários questionamentos ficam em aberto. Conseguirá a mulher se desconectar do espelho para realizar novos investimentos? O público feminino realmente conquistou a liberdade ou acaba sempre estando sujeito as imposições invisíveis da sociedade da época? A mulher madura ainda pode ser objeto de desejo do outro? O desejo está livre de qualquer processo histórico-cultural?

Entende-se que ainda não há respostas simples e certas para as perguntas acima descritas, o que abre espaço para novos estudos de aprofundamento sobre o tema. Todavia, conforme já explorado no presente trabalho, existem possibilidades de caminhos a serem percorridos pelo público feminino. A ideia da liberdade de escolha conquistada pela mulher contemporânea poderá lhe permitir fazer novos investimentos para além da sua imagem. E o lugar do desejo conquistado, também lhe possibilitará novas perspectivas.

Em suma, há inúmeras questões em aberto e muitas sugestões a serem exploradas pela mulher contemporânea de meia idade, cabendo, aqui, apenas, acender a discussão para fim de demonstrar que a menopausa é só o início de uma nova era de escolhas. A partir desse marco feminino, abre-se novas discussões e novas formas de pensar sobre o envelhecimento. A luta feminista ainda precisa estar atuante para permitir que as novas gerações possam usufruir de seus direitos com menos culpa e mais igualdade e que ao chegarem, no futuro, no processo de envelhecimento possam vivenciá-lo apropriadas das diversas possibilidades nos investimentos dos seus desejos. Há uma longa estrada a ser percorrida, mas o primeiro passo já está dado: é possível desejar na maturidade.

Referências

Antunes, S., Marcelino, O. & Aguiar, T. (2003). Fisiopatologia da menopausa. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 19(4), 353-357. DOI 10.32385/rpmgf.v19i4.9957. <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/9957>.

- Argimon, I. I. de L. (2006). Aspectos cognitivos em idosos. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 243-245. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000200015&lng=pt&nrm=iso.
- Bernardi, D. (2019, outubro). Transformações na trajetória da mulher contemporânea. In Simpósio de Pesquisa e Seminário de Iniciação Científica, 1(4), Curitiba. *Anais 7º Simpósio de Pesquisa e 13º Seminário de Iniciação Científica (p. 70)*, Núcleo de Pesquisa Acadêmica, NPA. FAE. <https://sppaic.fae.edu/sppaic/article/view/58>.
- Borges, C. de C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 71-81. <https://www.scielo.br/j/pe/a/9n7Jq6DBZsVsNMfg7SGqhBS/?format=pdf>.
- Boris, G. D. J. B. & Cesidio, M. de H. (2007). Mulher, corpo e subjetividade: Uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), 451-478. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso.
- Braga, R. C., Miranda, L. H. De A. & Veríssimo, J. de P. C. (2018). Para além da maternidade: As configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 523-540. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Artmed.
- Carrara, F. F., Vinagre, C. G. C. De M. & Pereira, L. L. (2020). Percepção do envelhecimento: Mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estético. *Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14(49), 38-50. DOI 10.14295/idonline.v14i49.2309.
- Cozzolino, A. S. M., Gatti, A. L. & Salles, R. J. (2019). Atividade, sentimentos e percepções de mulheres diante do processo de envelhecimento. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 39(96), 25-32. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100004&lng=pt&nrm=iso.
- Dias, R. G., Streit, I. A., Sandreschi, P. F., Benedetti, T. R. B. & Mazo, G. Z. (2014). Diferenças nos aspectos cognitivos entre idosos praticantes e não praticantes de exercício físico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 63(4), 326-331. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000041>.
- Fagnani, S., Leite, A., Ednigton, L., Fernandes, P., Cruz, A., Nery, A., Dias, G., Gonçalves, H., Rosas, J., Flores, M. & Silva, T. (2013, setembro). In *Revista De Trabalhos Acadêmicos*, 8. Campus Niterói. Anais Nº. 08 - XI Semana de Extensão - XV Jornada de Iniciação Científica – 2013 (n.p.). Universo. <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=1463&path%5B%5D=1056>.
- Feist, J., Feist, G. J. & Roberts, T. A. (2015). *Teorias da personalidade*. AMGH Editora LTDA.
- Jorge, M. de M. (2005). Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, 11(17), 47-61. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682005000100004&lng=pt&nrm=iso.
- Laznik, M. C. (2003). *O Complexo de Jocasta: A feminilidade e a sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud.

- Lopes, M. N., Dellazzana-Zanon, L. L. & Boeckel, M. G. (2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*, 22(4), 917-928. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-18>.
- Moreira, V. & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: A experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19(1), 59-79. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>.
- Mori, M. E. & Coelho, V. L. D. (2004). Mulheres de corpo e alma: Aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 177-187. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000200006>.
- Nascimento, C. M., Próchno, C. C. S. C. & Silva, L. C. A. da. (2012). O corpo da mulher contemporânea em revista. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(2), 385-404. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000200012>.
- Nunes, S. A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psicologia Clínica*, 23(2), 101-115. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/zdgTVQcDQzsFZCxnrgtW6db/>. Acesso em: 27 mai. 2023.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. AMGH Editora LTDA.
- Ploner, K. S., Michels, L. R. F., Oliveira, M. A. M. de & Strey, M. N. (2008). O significado de envelhecer para homens e mulheres. In Silveira, A. F., Gewehr, C., Bonin, L. F. R. & Bulgacov, Y. L. M. (Orgs.) *Cidadania e participação social (pp. 142-158)*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <https://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-00.pdf>.
- Rocha, I. M. S. de A. & Rosa, M. (2019). O tempo e o objeto na psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), 84-102. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200005&lng=pt&nrm=iso.
- Sampaio, L. L. A. (2016). *Concentração de colágeno na pele facial de mulheres na pós-menopausa após tratamento com estradiol e genisteína tópicos: Um estudo randomizado duplo cego* [Dissertação de Mestrado em Ciências]. Programa de Pós-graduação em Ginecologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/46506>.
- Sanches, P. R. P. (2010). A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 97-108. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400009&lng=pt&nrm=iso.
- Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.
- Silva, D. M. da & Lima, A. de O. (2012). Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. *Contextos Clínicos*, 5(1), 41-51. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.51.05>.
- Souza, N. L. S. A. de & Araújo, C. L. de O. (2015). Marco do envelhecimento feminino, a menopausa: sua vivência, em uma revisão de literatura. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(2), 149-165. <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/26430/18952>.

Vieira, J. A. (2005). A identidade da mulher na modernidade. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 21(esp.), 207-238. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

Endereço para correspondência

carolinevinas@hotmail.com

Enviado em 23/10/2023

Aceito em 14/12/2023